

Exegese e alegoria: a concepção de mundo isidoriana através do texto bíblico

SÉRGIO ALBERTO FELDMAN
Universidade Federal do Espírito Santo

ISIDORO DE SEVILHA (c. 560-636), bispo visigodo, autor de vasta obra, foi um dos últimos Padres da Igreja. Conhecedor da cultura clássica, utilizou-a para difundir e fortalecer a fé cristã. Seu plano pedagógico era amplo e objetivava aproximar os fiéis da verdade cristã, no intuito de propiciar a compreensão dos seus segredos, utilizando-se de uma didática simples e compreensível. Isso se fundamentava no fato de que o contexto era de empobrecimento cultural: poucos sabiam ler e poucos conseguiam entender o complexo saber clássico e as reflexões teológicas refinadas de alguns dos Padres da Igreja. Várias obras servem como importantes referências para entendermos a concepção de mundo isidoriana. A nosso ver, entre todas as suas obras, os dois pilares seriam as Etimologias e as Sentenças. Neste trabalho, pretendemos buscar o entendimento da visão de mundo isidoriana através do estudo e da análise de seu fundamento, que são as Sagradas Escrituras.

A análise da obra de Isidoro deve sempre ter em vista que a “razão de ser” de toda a sua obra era educar e formar clérigos e leigos, manter o conhecimento da Antigüidade, senão vivo, pelo menos conservando esse mesmo saber, parcialmente, como um *instrumental para a sabedoria* cristã, para poder preparar o mundo para o final da sexta era e o retorno de Cristo. Portanto, o saber mais importante e primordial seria o conhecimento das Sagradas Escrituras, sua compreensão e sua propagação através da catequese, e do constante estudo e prática de seus valores e princípios.

Isidoro conhece amplamente a maioria dos autores clássicos de renome: utiliza-os, mas de maneira restrita. O saber clássico só serviria se fosse utilizado como instrumental para construir uma sociedade cristã e ajudar na sua evolução e expansão. As letras clássicas seriam apenas o invólucro, a embalagem para o saber cristão.

Toda a obra de Isidoro é a obra de um pastor, de um “monge” e de um bispo: preparando o mundo para o reino de Deus, que se aproximava. O mundo era regido por Deus e, portanto, para entendê-lo e nele agir de acordo com a vontade divina, dever-se-ia compreender a palavra de Deus contida nas Sagradas Escrituras.

A questão chave é que havia dois pretendentes à herança espiritual das Escrituras: os judeus e os cristãos. Isso sem falar nos hereges, ou seja, outras vertentes interpretativas inseridas na cristandade, mas dissidentes que negavam ora a liturgia, ora a teologia, mas geralmente a partir de pressupostos baseados na leitura dos textos sagrados. Os judeus considerados pelo texto bíblico, como descendentes de Abraão, que foi aquele que selou um pacto ou concerto com Deus, entendiam que eram os herdeiros da Revelação Divina e portanto beneficiários do Pacto com Deus. A Igreja refutava esta posição, pois isso invalidava sua hegemonia e sua condição de detentora da Verdade e da explicação da palavra Divina contida nas Escrituras. O novo pacto criado a partir de Jesus e de seus apóstolos tentou dialogar com a sinagoga, no seio da qual nasceu e cresceu sua “primeira infância”. Não houve acordo, e os seguidores de Cristo criaram uma nova religião e se outorgaram a herança bíblica, o pacto e a verdade. Uma leitura diferenciada do texto sagrado era necessária. A exegese ou “leitura” judaica era vista como inadequada, distorcida e imprópria. Os textos dos apóstolos passam a ser considerados canônicos e sagrados e surgem os Evangelhos, as Epístolas e demais textos que passam a compor o denominado Novo Testamento¹.

Uma exegese cristã surge a partir dos primeiros padres da Igreja e entende o NT como a continuidade do AT. Nesse processo de evolução da exegese se desenvolve uma técnica ou método de leitura denominado leitura alegórica do texto sagrado. Os grandes exegetas que iniciaram a técnica da leitura alegórica foram Clemente e Orígenes. Ambos viveram e pregaram em Alexandria. São dois teólogos cristãos considerados pilares da alegorização como método hermenêutico. Seu contato com o Helenismo e com o Judaísmo foi intenso e o confronto ideológico exigiu esforços interpretativos, para provar a superioridade da nova fé diante desses tradicionais adversários. Tanto os pensadores helenistas quanto os sábios judeus realizavam um método de leitura

de textos tradicionais através de leituras alegóricas. Os seguidores do helenismo para poder conciliar os mitos e a religião grega com a refinada filosofia; os judeus para realizar a exegese da Torá (Pentateuco), interpretá-la e adequá-la a novas realidades. São os precursores da leitura alegórica cristã. Surge uma escola interpretativa em Alexandria que faz uso da alegoria e do simbolismo do texto. Os exegetas cristãos passaram a utilizar-se de *typo* ou de tipos. O que seria um tipo? Tipo seria um fato ou personagem do AT que se considera como símbolo de algum fato ou personagem do NT. Dessa maneira, inúmeros dos exegetas antigos e medievais entenderam as Escrituras através de uma leitura simbólica, em que trechos do AT serviam para provar trechos do NT. Um agudo anacronismo de tempo e espaço, uma criativa e ideológica criação de figuras e uma lógica muito específica desse período.

Isidoro também fez uso da alegorização como método hermenêutico. Conhecia a obra de Padres da Igreja oriental, tais como Clemente e seu discípulo Orígenes (escola de Alexandria), de Gregório de Nissa e João Crisóstomo (Escola de Antioquia), entre outros. Entre as fontes da exegese isidoriana, oriundas da *Pars Occidental* da Cristandade, algumas se destacam: Ticônio, Hilário, Ambrósio, Agostinho e Gregório.

Como o Hispalense conceituava uma alegoria? Em alguns trechos de suas obras, Isidoro define ou conceitua o que seria uma alegoria. Nas Etimologias, obra de referência, define a alegoria como sendo “*la expresión de um concepto distinto: se dice una cosa, pero es preciso entender otra*” (Isidoro, *Allegoriae*, L. 1, 37:22). Adiante, ao comparar alegoria com enigma, aclara dizendo que a força da alegoria é dobrada, “*bajo la expresión real de una cosa indica además figuradamente otra...*” (Isidoro, *Allegoriae*, L. 1, 37:26). Trata-se de um instrumental para entender a palavra divina contida nas Escrituras; buscar o sentido oculto das palavras e seus significados místicos, e entender o Mundo e tudo que nele existe através da palavra revelada de seu Criador.

Dentro da vasta obra de Isidoro, algumas se propõem a analisar o texto bíblico e outras o utilizam como suporte para desenvolver concepções teológicas. No primeiro grupo, destacam-se: “*Prooemia*”, “*De ortu et obitu patrum*”, “*Allegoriae*”, e a maior delas, “*Quaestiones in Vetus testamentum*”. Sua obra *Allegoriae* ajuda a compreender as Escrituras por meio de breves relatos de personagens do AT e do NT. Neste breve artigo pretendemos tentar entender alguns de seus valores e sua concepção de mundo, através de algumas de suas alegorias. Na *Allegoriae*, convergem tradições exegéticas do mundo greco-romano, judaico e cristão (Fontaine, 1988:315)

A obra foi elaborada de maneira simples, através de versículos breves que falam dos personagens do AT e do NT. Esse estilo de escrita se explica, pois o objetivo de Isidoro mesclava alguns tópicos: a) oferecer mensagens simples, claras, mesmo utilizando-se de alegorias e simbolismo; b) utilizar essa obra para educar o clero regular e secular; c) oferecer ao mesmo clero um arsenal de exemplos de fácil utilização, que pudessem ser utilizados na pregação aos fiéis ou na tentativa de catequese de infiéis, em específico os judeus. Em suma: uma obra didática. Para poder analisá-los dentro da nossa proposta de reflexão, faremos uma divisão temática específica que objetiva compreender os elementos do pensamento isidoriano, interessantes à nossa pesquisa, presentes na exegese das *Allegoriae*.

O personagem e o tema central da obra é *Jesus Cristo*. Isso não surpreende, mas é interessante salientar a diversidade de figuras associadas a Jesus e a maneira com que os personagens são utilizados para desenvolver *typos* que simbolizam Jesus. Alguns exemplos: 1) **A traição e a morte de Jesus por “seus irmãos” judeus é associada a:** Abel morto por seu irmão Caim (Isidoro, *Allegoriae*, 5-6, c.99 A-100 A)², simbolizando os judeus que mataram seu irmão Jesus; José vendido por seus irmãos aos perseguidores (Isidoro, *Allegoriae*, 45, c.107 A)³; Sansão simboliza Cristo, traído pela Sinagoga (Dalila), que o crucificou no Calvário (Isidoro, *Allegoriae*, 80-81, c. 110 C-111 A)⁴; Jeremias, que representou, em suas palavras, gestos e, nos seus sofrimentos, a morte e a Paixão de Cristo (Isidoro, *Allegoriae*, 108, c. 114 C)⁵; Jonas que descansou no ventre da baleia, tal como Cristo descansou na terra três dias e ressuscitou (Isidoro, *Allegoriae*, 115, c. 115 A)⁶. 2) **A associação de personagens que simbolizam Cristo e se “casam” com a Igreja:** Jacob (simbolizando a Cristo) que foi perseguido por Esaú (povo judeu) (Isidoro, *Allegoriae*, 25-26, c. 105 A)⁷. O mesmo Jacob teve duas esposas: Lia que simboliza a Sinagoga, que enxerga mal (tem os *olhos do coração* “enfermos”) e não enxerga os mistérios (sacramentos) de Deus (Isidoro, *Allegoriae*, 28, c. 105 A)⁸; Raquel, de formoso aspecto, é considerada a figura da Igreja, que percebe os mistérios de Cristo (Isidoro, *Allegoriae*, 29, c. 105 A)⁹; Moisés é considerado como *typo* de Cristo por ter livrado o povo de Deus do jugo da servidão “diabólica”, já que o Faraó é a figura do Diabo. Moisés condena o Diabo à pena eterna (Isidoro, *Allegoriae*, 59-57, c. 109A-108 B)¹⁰. Sua irmã, Miriam, é comparada à Sinagoga, pois proferiu palavras agressivas e desrespeitosas contra o Cristo, e se tornou leprosa (Isidoro, *Allegoriae*, 61, c. 109A)¹¹; já a esposa etíope de Moisés é descrita como *typo* da Igreja que reuniu os gentios e que desposou Cristo, mas esse foi injuriado pela Sinagoga,

enciutada pela união dos mesmos (Cristo e a Igreja), tendo como resultado a punição da Sinagoga com lepra (Isidoro, *Allegoriae*, 62, c. 109 B)¹².

Outro dos casais que simbolizam a união entre Cristo e a Igreja é o casal primordial: Adão e Eva. Adão foi formado à "imagem de Deus" no sexto dia; assim o filho de Deus, na sexta era (idade do mundo), se "vestiu" na forma de carne, e assumiu a forma de "servo", para reformar o homem à semelhança de Deus (Isidoro, *Allegoriae*, 3, c. 99 A)¹³. Eva simboliza a Igreja, na descrição de Isidoro, formada misteriosamente da "água" que brotou do Cristo agonizante na cruz, da mesma forma que Eva se originou da costela do homem que dormia (Isidoro, *Allegoriae*, 4, c. 99 A)¹⁴. É estranho ver que apesar de toda a misoginia que encontramos na Patrística em relação à figura de Eva e do pecado original, essa fica aqui esquecida e relegada a um plano secundário e a primeira mulher é elevada e valorizada nas *Allegoriae*.

O segundo tema das *Allegoriae* é uma instituição. A Igreja é alegorizada em personagens diversos, tanto masculinos quanto femininos, que pelos seus gestos e atos personificam as ações e o poder da Igreja. Alguns exemplos que selecionamos ajudam-nos a compreender essas associações: Eva, Raquel, e a esposa etíope de Moisés já citadas em exemplos anteriores; alguns dos filhos de Jacob, como Issacar, que "colocou seu ombro para levar a cruz" (Isidoro, *Allegoriae*, 39, c. 106 B)¹⁵, e Zebulun, que vive no mar e supera as ondas e os turbilhões (tentações) desta vida (Isidoro, *Allegoriae*, 40, c. 106 B)¹⁶. Vejamos alguns exemplos de *typos* femininos: Tamar, que recolheu o anel e o cajado de seu sogro, simboliza o anel da fé e o báculo da cruz e fez merecer de Deus o dom da concepção em abundância (Isidoro, *Allegoriae*, 49, c. 107 B)¹⁷; a filha do Faraó que recolhe a Moisés é a Igreja dos gentios que encontra a Cristo (Isidoro, *Allegoriae*, 58, c. 109 A)¹⁸; Raab, a prostituta de Jericó, é *typos* da Igreja, pois coloca um sinal na sua casa, simbolizando a Paixão do Senhor (Isidoro, *Allegoriae*, 73, c. 111 A)¹⁹; Débora, que vence ao general Sisra (*typos* do Diabo), entoando uma canção de glória a Deus (Isidoro, *Allegoriae*, 78-77, c. 111 B)²⁰; Jael, que executa cruelmente Sisrá que dorme na sua tenda, cravando uma estaca em sua fronte, simboliza também a Igreja que destrói o império do demônio através da cruz (Isidoro, *Allegoriae*, 77, c. 111 B)²¹; Ruth, a moabita que desposa Boaz (que simboliza a Cristo), é a estrangeira que simboliza a Igreja que vem dos gentios a Cristo (Isidoro, *Allegoriae*, 82-83, c. 112)²²; Ana (Hana), a esposa de Elcana e mãe de Samuel, fora estéril e depois se torna fecunda por obra divina, simboliza a Igreja de Cristo que inicialmente era estéril entre os gentios e agora se estende pela terra com uma prole de enorme fecundidade (Isidoro, *Allegoriae*, 84, c. 112 A)²³; a rainha de Sabá (Austro) é a Igreja que após

ouvir a sabedoria de Salomão (Cristo, pois fez o Templo na Jerusalém celestial), congrega-se para ouvir a palavra de Deus até os confins da terra (Isidoro, *Allegoriae*, 91-92, c. 115)²⁴; Susana, acusada de adúltera pelos judeus, falsos testemunhas, simboliza a Igreja, pura e casta (Isidoro, *Allegoriae*, 126, c. 116 B)²⁵; Judite e Ester, que castigam os inimigos da fé e livram da morte o povo de Deus, são figuras da Igreja (Isidoro, *Allegoriae*, 126, c. 116 B)²⁶. Pode-se perceber que há um grande número de mulheres não judias, escolhidas cuidadosamente para simbolizar a Igreja dos gentios e a universalidade da Igreja católica: Rute, a rainha de Sabá, a filha do Faraó. Mulheres que lutam usando seus saberes ou poderes: Débora, Jael, Ester, Judite. Mulheres que usaram seu corpo de alguma maneira não casta e tradicional, como Raab e Tamar. Mulheres castas (Susana). Todos os modelos e alegorias possíveis para atingir o objetivo de mostrar a universalidade e o poder da Igreja. À guisa de resumo e análise parcial dos dois primeiros temas, poderíamos dizer que Isidoro demonstra a verdade da fé cristã e reafirma o caráter divino e humano de Cristo e o direito da Igreja como esposa e representante de Cristo na Terra.

O terceiro tema das *Allegoriae* pode ser denominado “dois povos, duas Leis”. São inúmeras alegorias, que comparam a Lei antiga ou AT com os Evangelhos ou NT, mostrando a superação do primeiro pelo segundo, e enfatizando a continuidade e a previsão do NT no texto do AT. Esse também é um tema repetido em toda a obra isidoriana.

Alguns exemplos podem ser encontrados nos personagens que descrevemos. As duas esposas de Abraão: Agar, escrava egípcia, simboliza a Lei Antiga e seu filho Ismael, gerado pela carne, simboliza os seguidores do AT; Sara, a esposa livre, simboliza o NT, que através da promessa de Deus gerou Isaac, simbolizando este o povo livre que segue a Igreja, situada na “Jerusalém de cima” (Isidoro, *Allegoriae*, 22-23, c. 104 A)²⁷.

Outro exemplo pode ser visto nas bênçãos de Manasses e Efraim, os dois filhos de José. Antes de morrer, Jacob abençoa ambos, mas coloca a mão direita sobre o menor e a esquerda sobre o primogênito, invertendo a posição tradicional e fazendo uma bênção mais promissora ao secundogênito. Isidoro repete a interpretação de Agostinho e entende que se tratam de duas promessas, sendo uma ao povo antigo, através do primogênito Manasses, e outra aos gentios através de Efraim, que simboliza a Igreja e os seguidores do NT (Isidoro, *Allegoriae*, 47-48, c. 108 B)²⁸.

Eli e Samuel, sacerdotes no Tabernáculo, antes da construção do Templo, são comparados a dois tipos de sacerdotes: os antigos (judaicos) e os novos da

Igreja. Uma comparação entre a Sinagoga e a Igreja, a Antiga e a Nova Lei (Isidoro, *Allegoriae*, 85-86, c. 112 B)²⁹.

As alegorias que descrevem Saul e David se encaixam em alguns de nossos temas. Sob um determinado ponto de vista, podemos colocá-la nesse tema, pois confrontam dois povos, duas leis e duas promessas. Saul, o primeiro rei, ao ser reprovado por Deus, simboliza a repulsa de Deus pelo povo antigo. Saul, abandonado por Deus, fica enciumado e irado com David, que simboliza Cristo e o novo pacto; a partir daí, passa a persegui-lo, de acordo com o texto bíblico em que Saul persegue e tenta matar David (Isidoro, *Allegoriae*, 88-89, c. 112 B-C)³⁰. Essa alegoria simboliza as tensas relações entre os judeus e a Igreja nascente.

O quarto tema que podemos encontrar de maneira ampla e constante no corpo das *Allegoriae* é o tema dos *judeus* e do *Judaísmo*. Os exemplos são diversificados e utilizam-se de personagens, os mais variados: homens, mulheres, judeus e alguns de seus adversários. Alguns já citamos, nos exemplos anteriores, para descrever os dois primeiros temas. É o caso de Caim, Esaú, Efraim, Miriam, Dalila e Saul. Vejamos alguns adicionais: Cam, filho de Noé, que zombou de seu pai e embriagado com a videira se apresentou nu (Gênesis, c. 9, v. 22), é comparado ao povo judeu que zomba do Cristo encarnado e morto (Isidoro, *Allegoriae*, 15, c. 103 A)³¹. Canaan, filho de Cam, simboliza a descendência dos judeus que sofre a pena pela sentença de condenação na Paixão, quando seus pais clamaram: “Seu sangue sobre nós e sobre nossos filhos” (Isidoro, *Allegoriae*, 16, c. 103)³². Alguns dos filhos de Jacob são associados aos judeus, como Simão, simbolizando os escribas dos judeus, que em sua sanha mataram aos profetas e cravaram com mais força os pregos de Jesus na cruz (Isidoro, *Allegoriae*, 36, c. 106 A)³³; também Levi é considerado símbolo dos sacerdotes que crucificaram a Cristo (Isidoro, *Allegoriae*, 37, c. 106 A)³⁴. Os doze exploradores ou espiões enviados por Josué à terra de Canaan, que voltam com notícias desalentadoras e causam desânimo às tribos de Israel, que estão diante da missão de conquistar a terra Prometida, são comparados aos escribas e fariseus que distanciaram o povo israelita da verdade e da graça de Cristo (Isidoro, *Allegoriae*, 70, c. 110 B)³⁵. O grupo de rapazes que ofenderam ao profeta Eliseu e pereceram atacados por dois ursos (Reis II, c. 2, v. 23-25) indica o povo judeu, que, agindo de maneira infantil (*puerili stultitia*), riram-se de Cristo crucificado no Monte Calvário e morreram despedaçados por dois ursos (*duobus ursis*), Tito e Vespasiano (Isidoro, *Allegoriae*, 98, c. 113 C)³⁶. O último exemplo desse tema é o rei Osias ou *Uziabu*, que foi acometido de lepra como castigo por ter queimado incenso no Templo, usurpando a função dos sacerdotes

(Crônicas II, c. 26)³⁷. Isidoro compara Osias com o reino dos judeus, que leva a desonra e o mal da perfídia à frente, quando deveria levar o sinal da Cruz (Isidoro, *Allegoriae*, 103, c. 114 A)³⁸.

Uma análise parcial do terceiro e quarto tema deixa perceber a insistente maneira pela qual Isidoro refuta a tese veterotestamentária de que os judeus seriam os herdeiros da Revelação. Os trechos delineiam uma desconstrução do Judaísmo, que Isidoro realizará, posteriormente, na sua obra “*De Fide Catholica*”.

O quinto tema é a forte presença do *Diabo* e a presença mais discreta do *Anticristo*, nessa e em outras obras isidorianas. Personagens de todos os tipos são descritos como figuras do Diabo. Algumas que já referenciamos, como o Faraó e Sisra. Quase todas são inimigas e opressoras do povo hebreu, citados com crítica no AT. São considerados como símbolos do mal, na literatura rabínica, do mesmo modo como Isidoro os qualifica, mas raramente denominados como a personificação do Diabo pelos sábios judeus. Vejamos alguns dos exemplos: Nimrod, o gigante, é considerado como figura do demônio, pois aspirou com soberba ambição se alçar aos céus e se assemelhar ao Senhor (Isidoro, *Allegoriae*, 17, c. 103 A)³⁹; o sogro de Jacob, Lavan, é associado simultaneamente à Lei e ao Diabo, de cujo corpo tomou para si Cristo (Jacob), duas esposas, simbolizando o povo da circuncisão e o povo dos gentios: Lea e Raquel (Isidoro, *Allegoriae*, 27, c. 105 A)⁴⁰. Um outro exemplo mistura o Diabo com a Sinagoga e a carnalidade que sempre está associada aos dois na obra isidoriana. Dina, filha de Jacob, que simboliza a Sinagoga, e que por estar imbuída de preocupações mundanas é corrompida pelo Diabo, simbolizado por Siquém, príncipe da terra, que a violenta (Isidoro, *Allegoriae*, 51, c. 108 A)⁴¹. Um outro personagem que é considerado *typo* do Diabo é um dos mais terríveis inimigos dos antigos hebreus: Amalec. Descrito como um inimigo que se defronta com o povo de Deus e é vencido pelo sinal da cruz (Isidoro, *Allegoriae*, 63, c. 109 B)⁴².

São considerados como figuras do demônio dois dos reis que se opõem à marcha das doze tribos em direção à terra Prometida: Sehon e Og. Sehon, rei dos amorreus na interpretação etimológica de Isidoro, significa “tentação dos olhos”, simboliza o Diabo que, com o propósito de nos enganar, se transfigura num anjo de luz (Isidoro, *Allegoriae*, 64, c. 109 B)⁴³. Já Og, rei de Basan, cujo nome na explicação de Isidoro significa “obstrução”, possivelmente porque não permitiu a passagem das tribos na sua rota para Canaã, simboliza também o demônio que tenta obstruir nossa fé com o obstáculo dos vícios, tentando evitar que tomemos a senda que nos conduz ao reino prometido da vida eterna (Isidoro, *Allegoriae*, 64, c. 109 B)⁴⁴.

Um exemplo bastante polêmico é o de Urias, o heteu, que servia como mercenário no exército do rei David. Ao sair em campanha militar para punir os amonitas, deixa a sua esposa, Bat Sheva, em Jerusalém. O rei David a cobiça e a seduz, mesmo sendo casada, desrespeitando dois dos dez mandamentos. Bat Sheva engravida e o caso se tornará público. No desenrolar dos fatos, Urias é enviado a um local de alto risco na batalha em que acaba sendo morto, resolvendo-se o problema (Samuel II, c. 11). O profeta Natan, por meio de uma parábola, induz a David, que sem perceber se autocondena (Samuel II, c. 12). Esse fato lido de maneira literal leva o leitor a considerar David como réu, e Urias como vítima. Surpreende-nos a alegoria isidoriana que, na sua simbologia, coloca Urias como o Diabo, casado com a Igreja (Bat Sheva). Cristo (David) dela se enamorou quando se lavava das manchas do século e se purificava com a água do batismo (Isidoro, *Allegoriae*, 90, c. 114 C-115)⁴⁵. O demônio reaparece na figura de Nabucodonosor, agindo como um instrumento de Deus, ao punir os hereges e levá-los ao cativeiro. Por seu erro são retirados da Igreja (Jerusalém) e levados à Babilônia, ou seja, a confusão da ignorância (Isidoro, *Allegoriae*, 127, c. 116 B)⁴⁶. Do NT vem o outro rei que é considerado como o símbolo do Diabo: Herodes. Personagem bastante criticado tanto por judeus quanto por cristãos, sendo comparado com o demônio em virtude da sua ordem de extermínio de crianças para eliminar o Cristo recém-nascido e que simboliza a perseguição dos mártires cristãos (Isidoro, *Allegoriae*, 143, c. 118 A)⁴⁷.

O Anticristo aparece poucas vezes no texto das *Allegoriae*, mas suficientes para ilustrar a nossa interpretação. Um dos exemplos é Dan, um dos filhos de Jacob e que é tradicionalmente simbolizado por uma cobra (Gênesis, c. 49, v. 16)⁴⁸. Dan é descrito por Isidoro como a cobra que pica a pata do cavalo dos que se ufanam das riquezas e delícias deste mundo, ao fazê-los cair com o veneno de sua predicação maligna no erro, na soberba e na tentação (Isidoro, *Allegoriae*, 42, c. 107 A)⁴⁹. Outro exemplo do Anticristo é simbolizado por Jeroboão. Esse liderou o processo de cisma ou divisão do Império de David e Salomão, em dois reinos, Israel e Judá, ficando o primeiro com Jeroboão e o último com o filho e herdeiro de Salomão, Roboão. Na alegoria isidoriana, ambos são inseridos na divisão causada com a vinda de Cristo, quando alguns judeus acreditaram no Redentor, que nasceu da família de David, e outros seguiram o Anticristo, cujo culto do erro lhes sujeitou uma infame servidão (Isidoro, *Allegoriae*, 93, c. 113 A)⁵⁰.

A presença do Diabo e do Anticristo necessita de uma explicação bem mais ampla que a pretensão deste breve texto. Em alguns tópicos tentaremos

dimensionar essa constante da obra isidoriana. O Diabo tem múltiplas facetas e uma diversidade de “leituras” no texto: trata-se de um contraponto, uma antítese de Deus, que é espiritual. Evitando enveredar num dualismo maniqueísta, mas através de um enfoque de clara influência neoplatônica, o autor coloca o Diabo como relacionado a tudo que é carnal, material, sensorial. Trata-se do confronto do espiritual com o carnal. Na Alegoria isidoriana, um dos símbolos da carnalidade são os setes pecados capitais, que ocupam extensos trechos do segundo livro das Sentenças. Outros dos símbolos da *carnaliter* são os judeus e o Judaísmo. Nas Alegorias, Isidoro constrói o nível básico da crítica à carnalidade e ao Judaísmo, seu representante. Em obras posteriores, como as Sentenças e a *Fide Catholica*, Isidoro aprofunda essas teses em um nível superior.

O sexto e último grupo não chega a definir uma temática comum. Alguns exemplos estão dispersos no texto e não conseguimos agrupá-los, mas afiguramos pertinentes à nossa temática. Alguns dos exemplos ilustram a visão isidoriana de maneira exemplar. O primeiro que escolhemos é a presença da *Trindade* no AT. Essa temática se faz necessária na comprovação da verdade cristã e do fato que os primitivos hebreus eram de “fato” cristãos, antes de Cristo. A Trindade aparece na figura dos três anjos que visitam a tenda de Abraão para anunciar que ele teria um filho com Sara, sua esposa legítima, então considerada estéril e de idade avançada (Isidoro, *Allegoriae*, 21, c. 104 A)⁵¹. O mesmo Abraão simboliza o Deus Pai, já que no episódio do “quase” sacrifício de Isaac, entregou o seu filho amado para ser imolado, em prol da salvação da humanidade (Isidoro, *Allegoriae*, 20, c. 104 A)⁵². Outro subtema é a *heresia*. Os hereges eram um sério problema para a unificação da Cristandade, e Isidoro objetiva a unidade. Não é de estranhar que insira em suas alegorias exemplos pedagógicos do que ocorre com os hereges, neste e no outro mundo. Dois exemplos do período dos quarenta anos no deserto ilustram alegoricamente a “chaga” da heresia. O primeiro é de Datan e Abiron, que queriam usurpar o sacerdócio da casa de Aarão, irmão de Moisés. Isidoro simplifica a história, não falando de Korach (Coré), que tem participação importante no episódio (Números, c. 25)⁵³, concluindo com a lição que fica: os que se afastam dos sacerdotes de Cristo (Igreja), e se afastam da comunidade cristã, se arruinam (Isidoro, *Allegoriae*, 66, c. 110 A)⁵⁴. O outro exemplo também vem do mesmo período, e está simbolizado pelo neto de Aarão, o sacerdote Finéias ou Pinchas. Em contato com mulheres moabitas, alguns hebreus fornicaram e fizeram sacrifícios a um ídolo, tendo levantado a ira divina que puniu o acampamento com uma peste. Finéias agiu com coragem e violência matando um casal que fornicava no meio

do acampamento. Isso simboliza, na visão de Isidoro, os santos doutores que ferem com o “punhal espiritual” tanto os judeus, quanto os hereges, reunidos no “abraço” da falsa doutrina (Isidoro, *Allegoriae*, 68, c. 110 A-B)⁵⁵. O livro de Job oferece um outro exemplo de heresia na alegoria isidoriana: três amigos que vão consolá-lo, mas que tratam de seduzi-lo no erro (Isidoro, *Allegoriae*, 55, c. 108 B)⁵⁶. O exemplo já citado de Nabucodonosor, que alegoriza o Diabo, também fala da heresia e de seu castigo.

Outro subtema é a *carnalidade*, que permeia toda a obra isidoriana. Esse tema aparece nas *Allegoriae*, em alguns exemplos. Um desses é a mulher de Job, que, ao ver sua desgraça, concita-o a maldizer a Deus (Isidoro, *Allegoriae*, 54, c. 118 B)⁵⁷.

Observações finais

O HISPALENSE OBJETIVA EM SUA VASTA OBRA aprimorar o saber do clero e, por meio desse, da população hispano visigótica cristã. Seu plano educativo se inicia com a gramática, a literatura e a compreensão do significado das palavras. A obra maior desse estágio de estudos sacros seriam as Etimologias. No segundo estágio, dirige sua análise ao texto sagrado das Escrituras. Através de uma análise alegórica do texto bíblico, trata de demonstrar a verdade da fé cristã, usando da exegese para construir sua visão de mundo, fundamentando a verdade da doutrina católica e a hegemonia da Igreja. De maneira cabal, qualifica como malignos, diabólicos e aliados do Anticristo todos os concorrentes da Igreja, judeus e hereges, por exemplo. Justifica todas as posições da ortodoxia católica mediante os *typos* construídos e fundamentados no AT e NT: a doutrina da Trindade, a cristologia e demais crenças que justificam a verdade cristã.

Nesse segundo estágio, fornece os elementos teóricos para prosseguir no terceiro estágio, no qual desconstrói o Judaísmo (no *De Fide Catholica*) e define a visão cristã de mundo através de um tratado teológico amplo e didático (Livro das Sentenças). As Alegorias cumprem assim, junto com outras obras de exegeses escritas por Isidoro, sua função na construção do edifício religioso educativo de Isidoro.

Referências Bibliográficas

- ARMSTRONG, A. H. (ed.). *The Cambridge history of later greek and early medieval philosophy*. Cambridge: University Press, 1967.
- ARTOLA, Antonio. M. & CARO, José Manuel Sánchez. *Bíblia y palabra de Dios*. Estella (Espanha): Verbo Divino, 1990.
- BRUNS, Gerald. Mídraxe e alegoria: o início da interpretação escritural. In: ALTER, Robert. & KERMODE, Frank. (org.) *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Unesp, 1997.
- DIAZ y DIAZ, Manuel. C. Escritores de la Península Ibérica. In: *Patrologia IV: del Concilio de Calcedonia (451) a Beda: Los padres latinos*. Madrid: BAC, 2000.
- DIAZ y DIAZ, Manuel. C. *Index scriptorum latinorum medii aevi hispanorum*. Salamanca: Universidade de Salamanca, 1958.
- ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA MÉRITO, São Paulo: Mérito, 1958.
- FITZMYER, Joseph. A. *A Bíblia na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1997.
- FRAILE, Guillermo. & URDANOZ, Teofilo. *Historia de la filosofía II* (El Cristianismo y la filosofía patristica). Madrid: BAC, 1975.
- FONTAINE, Jacques. Grammaire sacrée et grammaire profane: Isidore de Séville devant l'exegese biblique. In: FONTAINE, Jacques. *Tradition et actualité chez Isidore de Séville* Londres: Variorum Reprints, 1988.
- GILBERT, Pierre. *Pequena história da exegese bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GOLDBERG, David. J., & RAYNER, John. D. *Os judeus e o Judatísmo*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.
- ISIDORO DE SEVILHA. *Allegoriae quaedam sacre scripturae*. IN: MIGNE (ed.) *Patrologia Latina*, 83, col. 97-130.
- ISIDORO DE SEVILHA. *Allegoriae quaedam sacre scripturae*. In: MOLINERO, Lorenzo. *Algunas alegorias de la Sagrada Escritura*. Buenos Aires: Cursos de Cultura Católica, 1936.
- ISIDORO DE SEVILHA. *De ortu et obitum patrum*: Vida y muerte de los santos. Introducción, edición crítica y traducción por C. C. Gómez. Paris: Societé d'Éditions "Les Belles Lettres, 1985.
- ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Tradução de L. Cortés y Góngora e introdução e índices de S. M. Díaz. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1951.
- ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Tradução de José Oroz Reta & Manuel A. Marcos Casquero, introdução de Manuel C. Díaz y Díaz. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982.
- ISIDORO DE SEVILHA. Los tres libros de las "Sentencias" In: *Santos padres españoles II*: San Leandro, San Isidoro, San Fructuoso. Introducciones, versión y notas de Julio Campos Ruiz & Ismael Roca Melia. Madrid: BAC, 1971.
- MARTÍNEZ, José. M. *Hermenéutica bíblica*. Barcelona: Clie, 1987.
- PARKES, Malcolm. Ler, escrever, interpretar o texto: práticas monásticas na Alta Idade Média. In: CAVALLO, Guglielmo. & CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental 1*. São Paulo: Ática, 1998.

Notas

¹ O uso de uma terminologia que denomina o texto da Bíblia hebraica como Velho Testamento (VT) e o texto cristão dos Evangelhos, como Novo Testamento (NT), contém certa valorização ou tomada de posição. Preferiríamos denominar o AT de Bíblia Hebraica e o NT de Evangelhos, por ser uma forma mais neutra. Mas manteremos AT e NT, por ser fácil de utilizar e ser mais conhecido.

² Na nº 5, diz que Abel, pastor de ovelhas foi imagem de Cristo, verdadeiro e bom pastor; na nº 6, diz que Caim, irmão mais velho que matou Abel, significa o povo antigo que matou Cristo no

monte Calvário (*Cain, frater ejus, aetate major, qui eundem Abel occidit in campo, priorem significat populum qui interfecit Christum in Calvariae loco*).

³ Diz que José foi vendido por seus irmãos (*qui venditus est a fratribus*) simboliza o Redentor entregue nas mãos dos perseguidores pelo povo judeu (*Redemptorem nostrum significat a populo judaeorum in manus persequentium traditum*). Isidoro torna a traição de Judas Iscariotes uma atitude coletiva: Judas, indivíduo, se transforma no povo judeu. Essa atitude não é nova, mas Isidoro repete-a seguidamente.

⁴ Em duas alegorias descreve Sansão e Dalila. O primeiro é comparado ao Salvador, por seus feitos: tirou os gentios do controle do Diabo (enfrentando o leão) e que ganhou muitos e aniquilou muitos mais na sua morte. A segunda alegoria é mais significativa já que compara o corte de cabelo de Sansão por Dalila (sinagoga) com a crucificação de Cristo, no Calvário: "*Dalila, quae Samson verticem decalvavit, Synagogam significat, quae Christum in loco Calvariae crucifixit*". Novamente utiliza de um exemplo singular para "coletivizar" a culpa, e culpar a Sinagoga pela crucificação.

⁵ Seguindo a tradicional posição da Patrística, que imputa aos judeus a culpa pela morte de Jesus e pela perseguição e morte de alguns profetas, compara Jeremias com o Salvador, pelos sofrimentos e pelo seu tipo de morte. Diz: "*Jeremias autem in verbis et passionibus suis mortem et passionem figuravit Domini Salvatoris*".

⁶ Diz: "*Jonas Christi mortem figuravit, qui tribus diebus ac noctibus in corde terrae, quae in ventre ceti, quievit*".

⁷ É o povo Judeu, pois é vermelho como o sangue que simboliza a sua perseguição ímpia contra Cristo e contra os profetas, e coberto de pecados (simbolizado por sua penugem espessa). Diz: "*Esau, hispidus atque rufus, populus est Judaeorum, in Christus et prophetas impia persecutione sanguineus, et indicio pilosae cutis segmine peccatoribus horribilis*".

⁸ Diz: "*Lia Synagogae figuram habuit, quae infirmis oculis cordis sacramenta Dei speculari non potuit*".

⁹ Diz: "*Rachel vero clara aspectu Ecclesiae typum tenuit, quae contemplationis acie Christi mysteria cernit*".

¹⁰ De Moisés diz: "*Moyses typum Christi gestavit, qui populum Dei a jugo diabolice servitutis eripuit, et ipsum diabolum in aeterna poena damnavit*".

¹¹ De Miriam (Maria) irmã de Moisés, Isidoro faz um *typo*, de um fato narrado no livro de Números, c. 12. Miriam profere críticas e maledicências contra Moisés e sua esposa etíope (entenda-se negra). Deus pune Miriam com uma moléstia de pele (lepra! ?) que, após as preces e pedidos de Moisés, serão curadas após um período de quarentena. Isidoro diz de Miriam: "*Maria, soror Moysi, Synagogae speciem praetulit, quae leprosa propter detractionem et murmurationem contra Christum exstitit*".

¹² Da esposa etíope, que simboliza a Igreja, nos diz Isidoro: "*Uxor Moysi aethiopissa, figuravit Ecclesiam ex gentibus Christo conjunctam, cujus ob causam zeli Synagoga obtrectans adversus Christum, illico contagio leprae perfunditur*".

¹³ Descreve Adão, de acordo ao texto bíblico, mas sob uma leitura milenarista isidoriana: "*Adam figuram Christi gestavit; nam sicut ille sexta die formatus ad imaginem Dei, ita sexta mundi aetate Filius Dei carnis formam induit, hoc est, formam servi accepit, ut reformaret hominem ad similitudinem Dei*".

¹⁴ Eva é alegorizada como sendo a Igreja: criada de Cristo que morria na cruz e simbolizada na "água" do batismo. Diz Isidoro: "*Eva designat Ecclesiam factam per mysterium lavaeri, quae de latere in cruce morientis Christi fluxit, sicut Eva de costa hominis dormientis*".

¹⁵ Utilizando-se do trecho Gênesis, c. 48, v. 14, que simboliza a Issacar como um asno forte que carrega em "seus ombros" pesos e tributos, Isidoro concebe a figura daquele que oferece seu ombro para carregar a cruz: "*Issachar Ecclesiae tenuit typum, quae subjecit humerum suum ad crucis onus portandum*".

¹⁶ Também, utilizando-se do Gênesis, c. 48, v. 13, descreve a tribo de Zebulun que vivia no litoral norte de Israel. Diz: "*Zabulon eamdem significat Ecclesiam, quae secus fluctus hujus vitae inhabitans, omnes tentationes et turbines saeculi portat*".

¹⁷ Uma mulher que luta para poder conceber. Nora de Judá (Iehudá) e esposa de dois de seus filhos que morrem sem gerar prole (Gênesis, c. 38). Isidoro considera-a imagem da Igreja: "*Thamar Ecclesiae imaginem gestat, quae Christo per annulum fidei et virgam crucis conceptionem sanctae meruit ubertatis*".

¹⁸ Trecho tradicionalmente conhecido (Êxodo, c. 2). Isidoro possivelmente vê nas águas um símbolo do batismo. Diz: "*Filia Pharaonis, quae Moysen expositum ad ripam fluminis collegit, Ecclesia gentium est, quae Christum ad flumen salutaris lavacri reperit*".

¹⁹ A prostituta de Jericó que ajuda os espiões e marca sua casa com a fita escarlate para ter sua família poupada do massacre da população e do anátema simboliza a Igreja. Diz Isidoro: "*Raab meretrix figuram tenuit Ecclesiae, quae per coccum, id est, per passionis dominicae signum, ab interitu mundi salvatur*".

²⁰ Débora, a juíza e profetiza que luta contra os cananeus comandados pelo general Sisrá (Juizes, c. 4-5). O cananeu é considerado um *typo* do Diabo; já Débora, que o enfrenta, é um *typo* da Igreja que enfrenta o demônio. A Alegoria (78) fala de Débora: "*Ipsa quoque Debhora ejusdem Ecclesiae typum portans, devicto in Sisara diabolo, canticum coelestis gloriae proclamat*".

²¹ Na Alegoria (77) temos a descrição de Sisra e de sua morte por Iael (Jael), que crava uma estaca em sua fronte, enquanto estava adormecido: "*Sisara typus diaboli fuit. Jabel autem, quae tempora ejus clavo et malleo transfodit, Ecclesiae typum expressit, quae per vexillum crucis diaboli imperium interfecit*".

²² O livro de Rute tem importância já que do seu casamento com Boaz, tem origem a casa de David, de onde, de acordo a tradição, sairia o Messias, o Redentor. A escolha do *typo* não é nada casual nesse exemplo. Na Alegoria (83) diz de Boaz: "*Booz autem Christum verum Ecclesiae sponsum expressit*". Na (82) fala de Rute, que simboliza a Igreja, esposa de Cristo: "*Ruth alienigena, quae israelitico vito nupsit, Ecclesiam ex gentibus ad Christum venientem ostendit*".

²³ Esta personagem está sendo descrita no início do primeiro livro de Samuel (c. 1 e 2). Tendo dificuldades em engravidar, acaba obtendo ajuda divina e se torna a mãe de Samuel, o último juiz. Isidoro descreve a alegoria sobre Ana assim: "*Anna, quae fuit sterilis, et postmodum fecunda facta est, Ecclesiam Christi significat, quae prius in gentibus erat sterilis, nunc largiter pollet per universam terram prole numerosae fecunditatis*".

²⁴ Salomão, que coordenou a obra de construção do Templo de Jerusalém (Reis I, c. 6), é figura de Cristo que constrói uma casa para Deus na Jerusalém celestial, não com material de construção, mas com seus santos. Assim diz Isidoro: "*Salomon Christi praenuntiat figuram qui aedificavit domum Deo in coelesti Jerusalem, non de lignis et lapidibus, sed de sanctis omnibus*". A Rainha de Sabá [ou rainha do Sul ou Austro-Reis I, c. 10] seria a Igreja que se congrega para ouvir a palavra de Deus até nos confins da terra. Diz sobre a mesma: "*Regina Austri, quae venit ad audiendam sapientiam Salomonis, Ecclesiam intelligitur, quae ad verbum Dei ab ultimis finibus terrae congregatur*".

²⁵ Personagem do livro de Daniel, falsamente acusada de adultério por dois juízes que a desejavam (Daniel, c. 13). Diz dela Isidoro fazendo uma alegoria com a Igreja e os judeus: "*Susanna figuram Ecclesiae habet, quam testes falsi Judaei, quasi adulteram legis, accusant*".

²⁶ Duas mulheres corajosas e repletas de fé e virtudes são comparadas com a Igreja, pois ambas livraram o povo de Deus, dos inimigos da fé. Diz: "*Judith et Esther typum Ecclesiae gestant, hostes fidei puniunt, ac populum Dei ab interitu eruunt*". O livro de Ester é do cânone hebraico, mas o de Judite é não canônico.

²⁷ Baseado na Epístolas aos Gálatas, c. 4, vers. 21-31, em que Paulo alegoriza sobre a Igreja e o NT (Sara e Isaac) e a sinagoga e AT (Agar e Ismael). Isidoro simplifica o discurso de Paulo. Diz Isidoro, na Alegoria (22): "*Duas autem uxores, quas habuit Abraham, id est, liberam et aucillam*".

Apostolus duo esse Testamenta designat". Na seguinte (23), diz: "*Isaac et Ismael duos populos ex utroque Testamento procedentes significant*".

²⁸ O primogênito Manasses (47), simbolizando o "povo antigo" (AT): "*Manasses prioris populi figuram gestavit*". O caçula Efraim (48), simbolizando os gentios, antepostos ao povo mais antigo dos judeus: "*Ephraim autem gentium, qui per benedictionem patriarchae praepositus est majori populo Judaeorum*". A interpretação repete outra de Agostinho, na Cidade de Deus.

²⁹ O sacerdote Eli (Heli) simboliza o sacerdócio do AT. Diz Isidoro: "*Heli sacerdos reprobatus abjectionem sacerdotii Veteris Testamenti praefiguravit*". Em Samuel, Isidoro vê os sacerdotes da Igreja, que substituem os antigos: "*Samuel vero, qui reprobato Heli in ministerio sacerdotali successit, novi sacerdotii successionem, abjecto veteri sacerdotio, praenuntiavit*".

³⁰ De Saul diz que simboliza a promessa ao povo (reino) judeu e a sua reprovação. E descreve a perseguição que esse mesmo povo moveu contra Jesus Cristo, enchendo-se de inveja. Diz: "*Saul regni Judaici insinuat reprobationem, vel reprobationem, sive ejusdem populi aemulationem, qui David, id est, Christum injusto odio invidiae conatus et occidere*". De David diz que é figura do Filho de Deus e Salvador, pois tanto foi perseguido injustamente, quanto porque Cristo dele descende. Isidoro descreve assim David: "*David filii Dei et Salvatori nostri expressit imaginem, sive quod insectatione Judaeorum injustam persecutionem sustinuit, sive quia Christus ex ejus stirpe carnem assumpsit*".

³¹ Isidoro compara Cam, com os judeus, por zombarem de Cristo: "*Cham Judaeos significat, qui Christum incarnatum atque mortuum derident*".

³² Isidoro compara Canaan com os descendentes dos judeus que condenaram a Cristo: "*Chanaam, filius ejus, qui pro patris delicto maledictione damnatur, posteritatem iudicat Judaeorum, qui in passione Domini damnationis sententiam exceperunt, clamantibus Judaeis: Sanguis ejus super nos, et super filios nostros*".

³³ Isidoro compara-o com os escribas que mataram os profetas e seriam responsáveis pela crucificação de Cristo, numa possível alusão aos sábios fariseus. Diz: "*Simeon scribas designat Judaeorum, qui in furore suo occiderunt prophetas, et in dolore suo suffoderunt fixuris clavorum Christum...*".

³⁴ Isidoro compara-o com os sacerdotes, já que da casa de Levi se originaram os sacerdotes Levitas. Coloca-os como responsáveis da crucificação de Cristo: "*Levi et auctor et figura est principum sacerdotum qui Christum crucifixerunt*".

³⁵ Isidoro compara-os com escribas e fariseus, dizendo: "*Duodecim exploratoresscribarum et pharisaeorum imaginem tenuerunt, qui Israeliticum populum averterunt ne confiderent divinae reprobationis gratiam adipisci posse per Christum*". Sobre os espíões, V. Números, cap. 13.

³⁶ Isidoro compara os dois ursos com os generais, que mais tarde foram imperadores de Roma, cercaram, destruíram e queimaram Jerusalém e o Segundo Templo (70 d.C.). No trecho Isidoro diz: "*Pueri qui insultantes Elisaeo, clamabant: Ascende, calve, ascende calve, et invasi ab urso perierunt, indicant populum Judaeorum, qui puerili stultitia deriserunt Christum in loco Calvariae crucifixum, et capti a duobus ursis, id est, Tito et Vespasiano, interierunt*".

³⁷ A função de fazer sacrifícios e oferendas era exclusiva dos sacerdotes descendentes de Aarão, irmão de Moisés, denominados Cohanim.

³⁸ Isidoro compara o rei que extrapolou suas funções, com o reino dos judeus que renegou a Cristo. Diz: "*Ozias rex, qui ob meritum scelerum suorum in fronte contagio leprae perfunditur, regnum indicat Judaeorum, qui dedecus et malum perfidiae in fronte gerunt, ubi crucis signum portare debuerant*".

³⁹ Isidoro utiliza-se de fontes que desconhecemos. Na Bíblia há um breve trecho (Gênesis, c. 10, v. 8-12) que fala de Nemrod, como sendo caçador e criador de um reino na Mesopotâmia. Nada diz sobre suas ambições a ser Deus, e nem dá detalhes maiores. É possível que Isidoro tenha outras fontes de informação provenientes da mitologia mesopotâmica, já que Nemrod está associado a essa região. Haveria talvez uma relação figurada com a torre de Babel. A alegoria isidoriana é assim

descrita: “*Nemrod gigas diaboli typum expressit, qui superbo appetitu culmen divinae cellitudinis appetivit, dicens: Ascendans super altitudinem nubium. et ero similis Altissimo*”.

⁴⁰ Isidoro compara Lavan à Lei e ao Diabo, traçando um certo paralelo que conecta esses dois elementos. Diz: “*Laban legis et diaboli habuit typum, ex cujus corpore assumpsit sibi Christus duas conjuges, plebis scilicet circumcissionis et gentium*”. Sobre Lea e Raquel veja o tema 1 (Cristo), quando são citadas como esposas do mesmo.

⁴¹ Isidoro compara Dina com a Sinagoga, que seria a “alma”, mas por estar “presa” à carnalidade se corrompe. Siquém é considerado o *typo* do Diabo, alegorizando o fato de ser um príncipe “da terra”, no caso da terra de Canaã. Diz: “*Dina filia Jacob, Synagogam vel animam, significat: quam in exterioribus saculi curis repertam Sicheem princeps terrae opprimit, id est, diabolus vitio concupiscentiae carnalis corrumpit*”. Sobre Dina e Siquém, veja em Gênesis, cap. 34.

⁴² Diz: “*Amalech designat diaboli figuram, qui obvius Dei populo, per signum crucis evincitur*”. Isidoro deve se basear no trecho da Bíblia que descreve Moisés no alto da colina, com as mãos erguidas abençoando o povo durante a batalha com Amalec: nessa posição a vitória favorece a Israel. Quando Moisés fica exausto e baixa suas mãos, a batalha muda de rumo e fica favorável a Amalec. Por isso dois auxiliares apoiam Moises, sustentando seus braços. Isidoro vê com clareza, nesse gesto, o sinal da cruz (mãos levantadas = braços estendidos em forma de cruz). O trecho está em Êxodo, c. 17, v. 8-16. A Bíblia assume uma postura bastante radical com Amalec, sugerindo que deva ser exterminado, posição que não se coaduna com a visão humanista de grande parte do texto bíblico. V. Êxodo, c. 17, v. 14; Deuteronômio, c. 25, v. 17-19. Os sábios e rabinos utilizaram-se de leituras simbólicas para contornar essa contradição, o que mostra que leituras alegóricas não era exclusividade de exegetas cristãos.

⁴³ Diz: “*Sehon quoque, rex Amorrhaeorum, qui vertitium in latinum tentatio oculorum, eudem diabolum significat, qui mendacio fallendi sese in angelum lucis transfigurat*”. O trecho bíblico que fala de Sehon está em Números, c. 21, v. 21-32.

⁴⁴ Na seqüência de Sehon, nos diz de Og: “*Ipse est Og, rex Basan, qui interpretatur conclusio, qui intercludere molitur difficultate vitiorum viam fidei nostrae, ne pateat nobis transitus ad regnum promissum vitae aeternae*”. O trecho bíblico que fala de Og está em Números, c. 21, v. 33-35.

⁴⁵ Isidoro fala de Urias, dizendo: “*Urias Hethaeus typum diaboli, cujus conjugio prius erat copulata Ecclesia, quam Christus concupivit lavantem a sordibus saeculi semetipsam, et per lavacri undam purificatem*”.

⁴⁶ Isidoro coloca uma mistura de alegoria com a presença de Deus na história. Os hereges são aqui criticados de maneira severa e comparados aos que não obedeciam às críticas dos profetas anteriores ao Exílio. Diz: “*Nabuchodonosor rex typus diaboli fuit, qui haereticorum plebem, errores captivitate devictam, de Jerusalem, id est, de Ecclesia in Bayloniam, id est, in ignorantiae confusionem abduxit*”. Babilônia nesse exemplo simboliza o caos, já que na Bíblia, a Torre de Babel simboliza a confusão (Gênesis, c. 11).

⁴⁷ Diz Isidoro sobre Herodes: “*Herodes qui infantibus necem intulit, diaboli formam expressit, vel gentium, qui, cupientes extinguere nomen Christi de mundo, in caede martyrium saevierunt*”.

⁴⁸ Na benção a seus filhos, Jacob alcunha Dan de cobra, que morde as patas dos cavalos, para que o cavaleiro caia de sua montaria. Sendo a cobra associada no NT ao pecado original, fica muito próxima do Diabo e do Anticristo.

⁴⁹ Diz de Dan: “*Dan Antichristum significat, qui in via vitalis hujus ungulas equi, id est, extrema saeculi supplantare nititur morsu pestiferae praedicationis, ut ejiciat eos qui extolluntur in hujus mundi deliciis et divitiis*”.

⁵⁰ Diz Isidoro sobre o cisma de Israel, alegorizando a divisão entre judeus e cristãos: “*Roboam, filius Salomonis, et Jeroboam servus quibus israelin duas partes divisus est, significant divisionem illam in Domini adventu factam, in qua pars credentium ex Judaeis regnat cum Christo, qui est ex David genere ortus; pars vero secuta Antichristum, cujus ad cultum nefandae servitutis errore constricti sunt*”.

⁵¹ Descreve a aparição dos três anjos como insinuando a Trindade, que se apresentava ao patriarca: “*Tres angeli ad eum venientes divinam historiaem insinuat Trinitatem*”. V. Gênesis, c. 18.

⁵² O conhecido episódio do “quase” sacrifício de Isaac, está em Gênesis, c. 22.

⁵³ O principal líder revoltoso é Korach (Core), que objetiva a liderança e que tem como parceiros Datan e Abiron, que querem o sacerdócio. Isidoro enfatiza o aspecto do sacerdócio para direcionar o exemplo alegórico aos hereges.

⁵⁴ Nos lembra que só sob a Igreja de Cristo há a verdade. Diz: “*Dathan et Abiron, et caeteri, qui si Moysae et Aaron segregantes, sacrificium usurpare conati sunt, haereticorum pravitatem designant, et perneciem eorum qui se a sacerdotibus Christi et a societate Ecclesiae dividunt, et sacrificia profana assumunt*”.

⁵⁵ O exemplo de Finéias/Pinchas é bastante simbólico já que coloca lado a lado o perigo da heresia que contamina, com o dos judeus, já que ambos abraçam uma doutrina errada e nociva. Diz Isidoro: “*Phinees, qui Zambri et scortum in adultério conversantes pariter interemit, figuram tenuit sanctorum doctorum, qui Judaeos et haereticos spirituali mucrone in amplexus falsae doctrinae concurrentes feriunt*”.

⁵⁶ Diz: “*Tres amici Job typum tenuerunt haereticorum, qui sub specie consolando studium seducendi gerunt*”.

⁵⁷ Da mulher de Job, nos diz Isidoro: “*Uxor ejus, quae eum ad maledicendum provocat, carnalium praevitatem designat*”.

SÉRGIO A. FELDMAN

Doutor em História

Pesquisa em andamento: “Isidoro de Sevilha: um projeto educacional numa era de transição” junto à Universidade Tuiuti do Paraná (pesquisa institucional)

serfeldpr@yahoo.com.br

serfeldpr@hotmail.com